



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da rede de eletrificação em 53 assentamentos
rurais do estado de Mato Grosso do Sul**

Sidrolândia, 22 de fevereiro de 2005

Meu querido companheiro José Orcírio Miranda dos Santos, nosso querido Zeca do PT, governador do estado do Mato Grosso do Sul,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia,

Meu querido companheiro Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Meu caro amigo senador Delcídio Amaral, nosso atual líder do governo no Senado, líder do PT no Senado,

Meu caro deputado Antônio Carlos Biffi,

Meu caro deputado João Grandão,

Meu querido deputado Vander,

Meu companheiro Egon Krakhecke, vice-governador do Mato Grosso do Sul,

Meu caro Daltro Fiuza, prefeito de Sidrolândia,

Meu companheiro Nilton Mendes de Oliveira, diretor-presidente da Eletrosul,

Meus queridos companheiros secretários do governo do estado de Mato Grosso do Sul,

Meu caro companheiro Egídio, coordenador estadual do Movimento dos Sem-Terra e também da Coordenação Nacional do Movimento Sem-Terra,

Meu querido companheiro Geraldo Teixeira de Almeida, presidente da



Ceprag,

Senhora Terezinha de Jesus Garcia Ferreira,

Senhora Joaquina de Souza Rodrigues,

Senhores deputados estaduais,

Prefeitos,

Vereadores,

Senhoras e senhores moradores dos assentamentos rurais do Mato Grosso do Sul, especialmente do Assentamento Geraldo Garcia,

Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, meu querido Zeca, no Assentamento onde estamos comemoramos uma das coisas mais importantes que podem acontecer para uma pessoa que mora no campo e que não tem luz: a chegada de um bico de luz na casa de um trabalhador rural. E só sabe o valor quem vive sem luz.

E difícil, Zeca, fazer uma pessoa que nasce numa grande cidade com luz elétrica, com geladeira, com televisão, com rádio, com computador, com energia farta para gastar, sem se importar com o gasto, compreender a importância que tem um bico de luz na casa de uma pessoa que mora distante da cidade. Se ela já é importante para quem mora na periferia da cidade, imagina para uma pessoa que mora no campo.

Eu, Zeca, quando saí da minha terra, eu saí com sete anos de Garanhuns, não tinha luz elétrica. Voltei em 1979, 27 anos depois, e não tinha luz elétrica. A luz elétrica foi colocada em 1982. E eu via o sacrifício. Primeiro, quando pequeno, da minha mãe ter que fazer as coisas com o candeeiro, porque não tinha lâmpião a gás, desses que a gente pendura e clareia um pouco mais. Era candeeiro, lâmparina feita numa lata, e ali ela costurava à noite, cuidava dos filhos, cozinhava, preparava a janta, cuidava da família. E esse sacrifício perdura até hoje para 12 milhões de famílias neste país. Não são poucos: são 12 milhões de famílias no Brasil que ainda não têm luz



elétrica, ou seja, eu estou falando, Zeca, que nós temos no Brasil uma Suécia; nós temos no Brasil, praticamente, três países do tamanho do Paraguai que não têm luz elétrica, num país que tem fartura e possibilidade de produzir quanta energia for necessária.

Nós tivemos caso de visitar a Ilha Solteira e, perto de Ilha Solteira, a pouco mais de dois quilômetros, uma vila de moradores, numa ilha, sem luz elétrica. Então, é impossível a gente imaginar o desenvolvimento do país, a inclusão social, a igualdade de oportunidades, se as pessoas não têm um bico de luz. Imaginem vocês, eu fazendo um pouco de ração ali, imagina o que vai facilitar a vida de milhares de pessoas quando puderem ter uma “maquininha” dessas, que nós vamos ter que financiar a preço muito barato para as pessoas poderem comprar.

Imaginem o que é a pessoa poder plantar a sua mandioca e fazer a sua farinha com a eletricidade, fazendo um mexido na farinha que antes tinha que fazer com um rodo e que não acabava nunca de fazer. Então, eu acho que a gente precisa, Zeca, é neste momento, não apenas agradecer a vontade do governo do estado de fazer a parceria, mas sobretudo, por causa das mulheres. Essa idéia do programa Luz Para Todos é uma idéia da nossa companheira Dilma Rousseff, que um dia me procurou e disse: “Presidente, eu tenho uma proposta revolucionária para o senhor. Nós podemos garantir que até 2008 não haverá, no Brasil, uma única casa que não tenha luz, por mais distante em que ela esteja. Se estiver dentro do território nacional, essa casa vai receber energia elétrica”.

E estamos cumprindo. Estamos cumprindo Zeca, dentro das nossas possibilidades. Nós fazemos parceria com o governo do estado, às vezes tem governadores como você, que colocaram isso como prioridade, e trabalham para que as coisas aconteçam; tem outros governadores que também trabalham como você trabalha; tem outros que vão mais devagar; tem outros que mudaram o nome do programa Luz Para Todos e colocaram o nome deles



para vender para a sociedade a idéia de que o programa era deles; tem outros que vão mais devagar porque acham que não podem ser bem rápidos porque vão favorecer o presidente Lula e daí por diante. O que não falta, na verdade, é gente extraordinária, com boa vontade como você e também gente que tem menos vontade e que demora mais.

A Dilma me contava esses dias que, por causa do programa Luz Para Todos, nós estamos vivendo um problema no Brasil de falta de material, Zeca, falta cabo, está faltando poste, estão faltando várias coisas que facilitariam o Programa. E ainda tem gente aumentando demais. Tem coisas que já aumentaram 300% por conta do programa Luz Para Todos, ou seja, a Dilma sabe, nós vamos ter que chamar os setores que estão aumentando, conversar com eles, porque não é possível que a gente esteja dando a oportunidade a pessoas que estavam paralisadas, com as suas empresas sem trabalhar e, na hora em que a gente faz um programa e dá oportunidade de trabalharem, as pessoas resolvem aumentar o preço e resolvem tornar mais difícil um programa que nós queremos que seja o mais fácil possível.

Eu só queria, Zeca, dizer para você que é um programa que, como você disse bem, possivelmente seja o mais importante dentre todos os que a gente tenha. O programa Luz Para Todos é, na verdade, o início de um benefício que o ser humano consegue obter. E nós, Zeca, estamos fazendo mais: a ministra Dilma, o ministro Miguel Rossetto, o ministro Olívio Dutra, o ministro Tarso Genro, a ministra Matilde, nós estamos com um grupo de trabalho organizado pela Casa Civil e a nossa idéia é chegar em todos os acampamentos, todos os assentamentos, em todas as comunidades indígenas, em todos os remanescentes de quilombos.

A gente quer chegar com um pacote de cidadania, levando luz para as pessoas, levando habitação, levando saúde, levando uma sala de aula para as pessoas. E a gente sabe que isso é possível, isso não custa caro, custa apenas o trabalho da gente organizar, preparar, porque nós não queremos



começar uma coisa como tantas que já foram começadas no Brasil. Começam, anunciam na televisão e depois não acontecem. Nós queremos anunciar uma coisa e fazer o que estamos fazendo aqui, quando nós anunciamos que íamos iluminar a casa das pessoas que moram nos assentamentos.

Quero também dizer para você, Zeca, que a morte dos sindicalistas e da freira, no estado do Pará, não foi por acaso e é importante que o povo compreenda. A morte da freira e dos sindicalistas foi uma atitude pensada de alguns empresários do setor madeireiro, que estão revoltados com a política que estamos fazendo no estado do Pará. No estado do Pará não, em toda a Amazônia, com o nosso projeto de desenvolvimento da Amazônia, com o nosso projeto de reserva ambiental, com o nosso projeto de certificação florestal. Ou seja, Zeca, se é preciso o governo dar autorização, concessão, para a Petrobrás pegar gás ou petróleo embaixo da terra; se é preciso a gente dar autorização para a utilização da água do nosso subsolo; se é preciso a gente dar autorização para garimpagem, nós estamos também dizendo que o Estado vai certificar as nossas florestas e quem quiser cortar madeira vai ter que ter autorização do Estado brasileiro.

Ora, nós temos árvores de 300 anos, 250 anos, 400 anos. Mogno, que é uma madeira extremamente valiosa. No Brasil já se acabou com o pau-Brasil, já se acabou com o jacarandá da Bahia e agora querem acabar com outras árvores nobres. Nós não somos contra cortar e muito menos contra a madeireira, o que nós queremos é que as pessoas tenham critérios para fazer isso, porque uma árvore de 400 anos não é propriedade de uma pessoa, é um patrimônio da humanidade e é um patrimônio da sociedade brasileira. Nós precisamos fazer com que a pessoa, se quiser cortar, refloreste. Ela pode plantar milhões de árvores, ela pode fazer um programa de reflorestamento. Agora, cortar a floresta, da forma como vinham cortando neste país, sem comunicar a ninguém – pegar uma máquina e sair com um trator derrubando árvores, pegar uma madeira nobre e derrubar um hectare de mata, com



motosserra – não vai continuar.

Os madeireiros podem saber que a morte da freira, ao invés de colocar o governo recuado, vai colocar o governo mais ativo. E vamos fazer o que tem que ser feito, a impunidade, companheiros, acabou. Já foi preso o assassino, já foi preso o outro suspeito, e agora nós queremos chegar ao mandante, porque nós queremos acabar com essa história de empresários, alguns empresários, é verdade, comprem glebas de terras de milhares de hectares em algumas regiões mais distantes do nosso país, contrataram jagunços e mandaram matar quem está lá organizado, como estavam os trabalhadores rurais.

Então, essas pessoas têm o direito de comprar a terra, essas pessoas têm o direito de trabalhar de forma civilizada, e têm o direito e a obrigação de respeitar aqueles que estão trabalhando há muito tempo. O nosso companheiro Miguel Rossetto sabe que a nossa tarefa agora é legalizar todas as terras possíveis e acabar com a grilagem de terra. Quem tiver terra grilada, o governo vai tomar conta dessa terra, porque o Brasil não é “terra de ninguém”. Este país tem governo, tem lei e a lei vale para o Presidente e vale para um pistoleiro.

Portanto, eu quero dizer aqui, neste Assentamento, que acabou. Nós mandamos o Exército e a Polícia Federal para lá. Nós não podemos mandar a qualquer momento, tem que ter um pedido do estado. Se acontecer uma coisa aqui e o Zeca não pedir, a gente não pode mandar o Exército, porque seria uma intervenção, e como o país tem lei, tem regra, eu só posso mandar se o Zeca pedir. O governador do Pará pediu, nós mandamos e vamos ficar lá até a gente resolver o problema dos milhões de hectares de terra que existem lá, nas mãos de pessoas que nem conhecem o estado do Pará, nunca foram lá, mas se acham donos da terra.

Nós, agora, vamos aproveitar essa desgraça que eles fizeram para que a gente possa moralizar a questão fundiária no estado do Pará e no Brasil. Se eles acharam que com isso vão parar o Movimento, eles podem ficar certos de que o governo assumiu as dores daqueles que querem fazer justiça social



neste país. E vamos fazer com que a terra se transforme num bem de todos.

Por último, Zeca, eu quero dizer a vocês uma coisa que eu carrego comigo há muitos anos: a questão dos assentamentos. Habitualmente, no Brasil – está aqui o Movimento dos Sem-Terra, está aqui a Setraf – eu me lembro que em 2000 foi publicado um material dizendo que enquanto o governo federal tinha assentado 250 mil famílias, 800 mil famílias tinham deixado o campo. Então, o governo tinha assentado mais de 200 mil e 800 mil tinham deixado o campo. Então, passa a ser a síndrome da loucura, porque eu coloco um e saem oito. Por quê? Porque eu coloco um cidadão no campo, dou a ele uma terra bruta, mas não dou a ele assistência médica, não dou a ele acesso à saúde, não dou acesso à educação. Se eu não der educação, não há jovem que fique no campo. A gente não vai segurar nenhum adolescente no campo se a gente não levar para ele acesso à educação, se a gente não levar para ele a possibilidade de formação profissional. E mais ainda: não tinha crédito.

No Pará, Zeca, só para você ter idéia, eu pensei que o Rossetto ia falar, mas são tantos números que ele esqueceu esse. No Pará, quando nós ganhamos as eleições, em 2002, havia terminado a safra de 2002, o governo anterior tinha feito cinco mil contratos e tinha gasto apenas 45 mil reais com o financiamento da agricultura familiar.

Em 2004, meu caro Egídio e meu caro Geraldo, na safra de 2004, nós já fizemos, até agora, 54 mil contratos, mais de dez vezes, quase 11 vezes o que eles fizeram antes, e já liberamos o financiamento de 307 milhões de reais, numa demonstração de que em dois anos nós liberamos, nós fizemos dez vezes mais contratos e liberamos oito vezes mais recursos do que tinha acontecido. E o que acontece quando o cidadão recebe o recurso? Quando ele percebe que o governo está dando assistência técnica? Dificilmente esse cidadão deixará o campo para ir para uma cidade, morar numa periferia sem água, sem luz, sem esgoto, sem nenhum benefício. Ele vai ficar no campo



produzindo.

E nós temos que garantir mais ainda. Na hora em que ele produz, a gente não pode deixar um pequeno produtor por conta da lei de mercado. Se o mercado estiver oferecendo um preço menor, o Estado tem que fazer uma intervenção e oferecer um preço maior, para que o preço desse produtor possa ser justo. Nós tivemos, Zeca, um exemplo em Rondônia, em Ji-Paraná. Eu fui a Ji-Paraná, o governo comprou 11 mil toneladas de feijão que estavam sendo vendidas. O mercado queria pagar apenas 25 reais; nós entramos pagando 60 e depois ficou regulado em 50; o governo saiu e deixou o pequeno vender no mercado. É assim que o Estado tem que agir para garantir igualdade de comportamento na sociedade e para garantir que o pequeno não seja vítima de tudo. Porque, muitas vezes, o pequeno não produz porque não tem terra; quando tem a terra, não tem crédito; quando tem crédito, não tem água; quando está tudo bom, que ele tem uma boa colheita, não tem preço, ele está desgraçado.

Então, nós queremos garantir um ciclo completo: que este cidadão tenha assistência técnica; que este cidadão, Egídio, e isso você sabe que é um compromisso, não programático, é um compromisso de consciência, de que nós precisamos dar um passo mais importante, que é ajudar a organizar as agroindústrias familiares ou as agroindústrias de cooperativas, para quê? Para que o produtor coloque valor agregado no seu produto. Nós não queremos apenas que o homem trabalhe. Se tiver uma agroindústria, a filha daquele trabalhador vai trabalhar, o filho daquele trabalhador vai trabalhar, os adolescentes vão ter o que fazer. E isso é tão importante quanto o crédito Pronaf que nós fizemos para as mulheres.

Vocês sabem que, agora, no Pronaf, o marido pode ir lá e fazer um crédito para ele. Pode pegar três mil reais emprestados. Se ele quiser plantar mandioca, vai plantar mandioca. A mulher, independentemente do empréstimo que o marido fez, pode ir ao banco e pegar um outro empréstimo para plantar



outra coisa. E se tiver filho, com 18 anos, ele também pode ir ao banco e pegar um outro empréstimo para que a gente possa dar, para que a gente possa garantir aquilo que eu aprendi com os trabalhadores do Movimento Sem-Terra: a multifuncionalidade da terra, ou seja, nós não queremos que persista mais a tese da agricultura da subsistência: o cidadão tem uma terra, mas não tem acesso ao crédito, não tem acesso à tecnologia, não tem acesso a nada, e este cidadão vai plantar apenas o feijãozinho, o milho para comer. Não, ele vai plantar para comer, mas ele tem que plantar mais para vender. Ele tem que fazer agroindústria para industrializar, tem que produzir doce, tem que criar peixe, ou seja, tem que fazer o que for possível. E é assim que a gente vai dar cidadania ao povo brasileiro, é assim que a gente vai garantir que as pessoas possam viver com dignidade. E esse programa Luz Para Todos é um exemplo.

Eu vou contar uma história para você, Zeca. Eu, no ano passado, preocupado com as crianças que não conseguem entrar na universidade – porque tem gente que consegue entrar numa federal, entrar numa pública, e vai embora; mas tem gente que até passa no vestibular, mas não consegue pagar 800 reais, 900 reais de mensalidade. Eu pedi ao ministro Tarso Genro que discutisse e me apresentasse uma proposta de bolsa de estudo. Então, o Tarso me trouxe uma proposta chamada ProUni – aqui neste estado, Zeca, eu vou te mandar o número de quantas pessoas estão inscritas.

O que é o ProUni? Nós fizemos um convênio com as universidades filantrópicas e com as universidades particulares. Então, nós estamos abrindo mão de uma parte dos impostos que elas pagavam para o governo, desde que aquilo que ela não pague seja dado em bolsa de estudo para os alunos, para o jovem das escolas públicas brasileiras. Ao mesmo tempo, Zeca, estamos dando a quota para os negros e para os índios, para garantir que esses setores da sociedade, que há muito tempo foram marginalizados, possam ter o direito de chegar a uma universidade.

Sabe qual foi o milagre Zeca? No primeiro ano, 112 mil bolsas de



estudos. A nossa previsão, se tudo correr como estamos pensando, é que nós vamos chegar no final do ano que vem, Zeca, com aproximadamente 400 mil bolsas de estudo, se tudo correr bem, se não der nenhum problema. Nós não estamos nivelando por baixo não, o que nós estamos garantindo é que um setor da sociedade, que não tem poder aquisitivo para pagar a universidade, e não consegue passar numa USP, por exemplo, ou numa federal, que essas pessoas tenham possibilidade. E outra coisa, Zeca – você, que é do Mato Grosso do Sul e conhece Dourados – nós estamos criando a Universidade de Dourados, nós estamos levando universidade federal para quatro cidades, estamos criando uma extensão das federais para 11 cidades e levar para o interior. A universidade não pode estar apenas na capital, é preciso que gente do interior tenha a possibilidade de acesso. E tudo isso, Zeca, nós estamos fazendo com a consciência de que é possível fazer muito mais. É possível fazer infinitamente mais.

Eu não peço mais paciência não, viu Egídio, paciência eu tenho que ter todo santo dia. Eu sou corinthiano. Então, cada vez que eu vejo o Corinthians na televisão, eu falo: eu tenho que ter paciência e não quebrar a televisão. Então, quando falo em paciência, é porque nós sabemos o que nós temos que fazer neste país, e sabemos que a gente tem que dar os passos do tamanho das pernas, sem que a gente estique demais a corda, mas a gente vá fazendo, de forma determinada, sem olhar para trás, olhando só para a frente, aquilo que a gente tem que fazer no Brasil. E eu estou convencido, Zeca, que da mesma forma que você está aqui neste governo, já há seis anos, eu estou convencido de que a história do estado de Mato Grosso do Sul pode ser dividida antes do Zeca e depois do Zeca, porque antes do Zeca, você tinha um governo como sempre teve o Brasil. Depois do Zeca, você teve alguém com sensibilidade social, você teve alguém com compromisso histórico com o povo, e você teve alguém que está colhendo hoje, aqui nesta festa, o que plantou há muitos anos. O que ele plantou há seis ou sete anos, porque senão não estaria



colhendo.

Eu estou convencido de que o Brasil não tem volta, eu estou convencido de que é irreversível o crescimento econômico do nosso país; estou convencido que é irreversível a geração de empregos em nosso país; estou convencido que é irreversível a melhoria da educação; estou convencido que é irreversível a melhoria da saúde; estou convencido, meu companheiro Egídio, que é irreversível a nossa reforma agrária, cada vez assentando mais e cada vez com mais qualidade, tornando os assentados agentes produtivos deste país, porque esse é o objetivo.

Nós sabemos, Prefeito, das necessidades da escola técnica, é preciso ter escola técnica neste país. E o ministro Tarso Genro tem uma preocupação porque nós estamos com uma defasagem muito grande. Nós estamos bem no ensino fundamental, estamos ficando mais ou menos na universidade, mas as escolas de ensino técnico foram esquecidas no Brasil. Nós, este ano, estamos colocando dinheiro, já colocamos 200 milhões e tem mais 470 milhões para ajudar a financiar o ensino médio neste país, sobretudo com cursos profissionalizantes.

Vamos inaugurar um programa, agora, chamado “Chão de Fábrica”, já têm 600 fábricas inscritas para que os alunos possam estudar uma profissão dentro da própria fábrica.

Este ano fizemos uma experiência rica com o Exército Brasileiro, colocamos 30 mil jovens a mais para servir o Serviço Militar e aprender lá dentro uma profissão de serralheiro, de pintor, de digitação, ou seja, nós estamos preocupados em garantir à juventude brasileira que ela não perca a esperança de viver num país justo, que dê a nossa juventude a perspectiva de um futuro melhor.

E eu vou terminar com uma frase que eu sempre disse nos encontros com os Sem-Terra. Sempre quando as pessoas diziam que os Sem-Terra eram radicais, que os Sem-Terra fazem passeata, que os Sem-Terra fazem protesto.



Primeiro, eu quero aproveitar aqui e dizer, Zeca, que eu nunca me incomodei com protesto. Eu acho que o protesto é a demonstração viva das entidades organizadas da sociedade, com razão ou sem razão as pessoas têm o direito de se manifestar, isso se chama democracia. E no meu governo a democracia será exercida na sua plenitude.

Segundo, dizem que o Movimento Sem-Terra atrapalha o Brasil. Eu quero dizer para vocês que eu fico orgulhoso de perceber o seguinte: quando eu vejo, aqui, homens e mulheres, e vejo essa quantidade de crianças que estão aqui, e de vez em quando digo: obrigado por vocês existirem, porque se vocês não tivessem despertando esperança nesse povo para lutar pela terra, certamente essas crianças estariam nas ruas das grandes cidades pedindo esmola; certamente essas crianças estariam sendo violentadas nas grandes periferias; certamente essas crianças, quem sabe, algumas presas na Febem, quem sabe essas crianças já tivessem morrido como tantas, no Rio de Janeiro.

Então, eu quero terminar dizendo para vocês, meus companheiros, certamente nós não conseguiremos fazer tudo com a pressa que vocês querem que a gente faça. Mas, certamente, nós faremos tudo aquilo que for possível fazer para ajudar o povo pobre deste país.

Muito obrigado e meus parabéns Zeca, meus parabéns Dilma.

Olha, uma coisa que era para a gente ter falado para vocês e não falamos. Esta mulher, esta nossa querida Dona Joaquina, tem 108 anos de idade. Esta Dona Joaquina tem 108 anos de idade e é a primeira vez na vida que ela vai ter um bico de luz na sua casa. Ou seja, quase um século e uma década para receber o primeiro bico de luz. Significa que a esperança que ela acalentou a vida inteira, ela conseguiu aos 108 anos de idade.

Eu espero que os seus netos, seus bisnetos, tenham muito mais felicidade do que ela, recebendo esses benefícios ainda muito jovens.

Dona Joaquina, querida, meus parabéns, que Deus abençoe a senhora e que viva mais 108 anos.